

Ciência, feminino, vozes e narrativas: com a palavra, as pesquisadoras

Science, female, voices and narratives: with the word, the researchers

Paula Nunes^{1,2}, Rochele de Quadros Loguercio¹

¹ UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul /NECS – PPGQVS

² Unilasalle - Centro Universitário Lasalle
paulanunes.unilasalle@gmail.com

Resumo

Esse trabalho objetiva analisar o campo da ciência em sua relação com o gênero, nesse sentido, optamos por abrir um espaço de fala para o sexo feminino, dando voz às mulheres que tantas vezes têm sido silenciadas, tanto mais nesse campo. Bem como, investigações sobre os espaços acadêmicos de pesquisa em ciência e os tensionamentos da política da diferença, onde os lugares de saber/poder definem o feminino ali encontrado.

Palavras-Chave: Saber/poder, feminino, ciência, pesquisadoras.

Abstract

This study aims to analyze the scientific field in relation to gender. In this sense, we decided to open space for the female gender to speak, giving voice to women, who have often been silenced, especially in this field, as well as investigations about the academic areas of research in science and the tensions of the politics of difference, where the female gender found there are defined by the places of knowledge/power.

Key words: Knowledge/power, female, science, researchers.

Introdução

Esse trabalho se propõe a analisar o processo de ocupação de espaços de poder por mulheres no campo da ciência. Nesse sentido, buscamos primeiramente analisar alguns dados da sua inserção nesse campo, bem como suas possibilidades de ascensão nessa área de conhecimento. Posteriormente, analisamos as narrativas dessas mulheres sobre suas constituições enquanto sujeitos e suas possibilidades nessa arena chamada ciência.

Num primeiro movimento buscamos analisar os dados do Conselho Nacional de Pesquisa-CNPq (2010) que quantificam, através do censo, a presença profissional das mulheres na ciência, tomando por referência a comparação entre mulheres e homens em dois

níveis, a saber: as(os) pesquisadoras(es) que fazem parte de grupos de pesquisa e num outro nível aquelas(les) que lideram esses grupos.

Distribuição dos pesquisadores não-líderes por sexo segundo a faixa etária, 2010 ¹						
Faixa etária	Total	Masc.	Fem.	Não Inf.	Percentuais ^{2/}	
					Masc.	Fem.
Até 24	934	396	536	2	42,5	57,5
25 a 29	8.080	3.625	4.442	13	44,9	55,1
30 a 34	16.023	7.641	8.362	20	47,7	52,3
35 a 39	15.790	7.460	8.305	25	47,3	52,7
40 a 44	13.629	6.527	7.076	26	48,0	52,0
45 a 49	13.395	6.306	7.065	24	47,2	52,8
50 a 54	9.627	4.551	5.051	25	47,4	52,6
55 a 59	7.027	3.594	3.404	29	51,4	48,6
60 a 64	4.202	2.351	1.828	23	56,3	43,7
65 ou mais	2.911	1.807	1.083	21	62,5	37,5
Não informado	5	2	2	1	50,0	50,0
Total	91.623	44.260	47.154	209	48,4	51,6

^{1/} Não há dupla contagem de pesquisadores. O líder de grupo que participa de outro grupo na condição de não-líder foi computado apenas na condição de líder; Primeiro e segundo líderes são igualmente considerados como líderes.

^{2/} Percentual calculado somente sobre o total de pesquisadores que informaram o sexo.

Tabela 1 – Dados sobre pesquisadoras(es) não-líderes de grupo.

Fonte: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-lideranca-sexo-e-idade>. Acessado em 13/02/2015.

Distribuição dos pesquisadores líderes por sexo segundo a faixa etária, 2010 ¹						
Faixa etária	Total	Masc.	Fem.	Não Inf.	Percentuais ^{2/}	
					Masc.	Fem.
Até 24	16	12	4	-	75,0	25,0
25 a 29	443	264	179	-	59,6	40,4
30 a 34	2.418	1.428	989	1	59,1	40,9
35 a 39	4.540	2.618	1.921	1	57,7	42,3
40 a 44	5.732	3.181	2.550	1	55,5	44,5
45 a 49	7.413	3.934	3.474	5	53,1	46,9
50 a 54	6.244	3.243	3.000	1	51,9	48,1
55 a 59	5.149	2.780	2.366	3	54,0	46,0
60 a 64	3.096	1.708	1.385	3	55,2	44,8
65 ou mais	2.217	1.283	934	-	57,9	42,1
Não informado	1	1	-	-	100,0	-
Total	37.269	20.452	16.802	15	54,9	45,1

Tabela 2 – Dados sobre pesquisadoras(es) líderes de grupo.

Fonte: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-lideranca-sexo-e-idade>. Acessado em 13/02/2015.

Analisando os dados apresentados percebe-se que quando se trata de integrantes de grupos de pesquisa não-líderes, em todas as faixas etárias até 54 anos que são indicadas na Tabela 1, as mulheres são maioria, diminuindo seus percentuais progressivamente com a idade. Isso pode ser atribuído ao crescente acesso de mulheres às formações científicas com o passar do tempo, assim parece natural que as mulheres mais velhas, de gerações em que esse acesso ainda era menor, menos esperado, menos indicado, menos favorecido, tenham seus percentuais reduzidos.

Já a segunda tabela, que trata da liderança dos grupos, tem todos os percentuais femininos inferiores aos masculinos. O percentual máximo se dá na faixa etária entre 50 e 54 anos. Podemos pensar que isso é um efeito da maturidade acadêmica em que, nessa faixa, há

um caminho considerável de pesquisa, de produção acadêmica, há *condições de possibilidade*¹ de ocupar esse lugar.

Outro dado que chama a atenção é a primeira faixa etária apontada na Tabela 2 - até 24 anos – apresentando, dentre todas as faixas etárias, o maior percentual de mulheres constituindo-se como pesquisadoras, no entanto, também é a o menor percentual como líderes. Poderíamos inferir que, diferentemente das mulheres na faixa dos 50 aos 54 anos, há menores condições para a liderança em mulheres tão jovens. No entanto, não se explica a maioria dos líderes masculinos. Quais as condições para que esses, tão jovens, já tenham uma caminhada tão profícua para tal espaço de poder?

A partir de dados discutidos com base nas Tabelas 1 e 2, junto aos referenciais que evidenciam a ruptura com a essência, substituída pela identidade fluida entendemos ser mais produtivo alternar entre a discussão de gênero e os lugares de *saber/poder* e nos parece potente², antes de identificar “os discursos circulantes” sobre o feminino e seu papel na construção da ciência, abriremos espaço de fala para as mulheres pesquisadoras uma vez que, como nos indica Larossa Bondía:

As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras (LARROSA BONDÍA, 2002, p.21).

Com Larrosa Bondía e também com Foucault, marcamos nosso entendimento de que a “palavra” ou o *discurso* constituem, definem, assujeitam e /ou subjetivam.

Para Foucault “[...] o *discurso* não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2010, p.10) e se os discursos que nos interpelam podem se manifestar em palavras, em narrativas, tornam-se importantes as histórias que contamos e mais que isso - possibilitar às mulheres a narração de si mesmas, é permitir-lhes apoderar-se do direito de dizer de si.

Esse trabalho visa analisar o campo da ciência em sua relação com o feminino e nesse sentido optamos por abrir um espaço de fala para as mulheres, escutando-as, essas que tantas vezes têm sido silenciadas, ainda mais nesse campo.

Das escolhas, dos caminhos, dos percalços...

Nossa escolha foi por ouvir/ler as pesquisadoras líderes de grupos de pesquisa da UFRGS, no curso de Química. Por que as líderes de grupos de pesquisa? Porque nessa arena, da pesquisa na ciência, os dados do CNPq – Tabelas 1 e 2 - apontam que, embora sejam maioria, pelo menos na faixa etária até 54 anos - como constituintes de grupos de pesquisa - quando se trata de assumir a liderança dos mesmos, as mulheres são minoria entre todas as faixas etárias consideradas.

Assim, interessou-nos buscar entender a trajetória e as estratégias utilizadas pelas pesquisadoras líderes de grupo de pesquisa do Instituto de Química da UFRGS para ocuparem

¹ *Condições de possibilidade* entendida por nós como todas aquelas circunstâncias, estratégias e caminhos acadêmicos percorridos pelas pesquisadoras que as possibilitam chegar nesse espaço de poder.

² Usamos potente no mesmo sentido de Foucault em suas leituras de Nietzsche.

seus lugares na pesquisa nacional. O objetivo primeiro era de que parte dessas pesquisadoras fosse entrevistada pessoalmente, parte formasse uma espécie de grupo focal e apenas cerca de um terço respondesse ao questionário por escrito, escolha essa feita de maneira aleatória. A divisão em três grupos foi pensada na expectativa de triangulação das narrativas e identificação de diferentes formas de enunciações para os mesmos enunciados.

Por que usamos a expressão “espécie de grupo focal”? Porque não pretendíamos a formalidade da reunião em um ambiente totalmente controlado, mas um encontro informal onde elas pudessem, tomando um café ou almoçando, narrar sua vida acadêmica e seus entendimentos sobre as questões de gênero na ciência, sem, no entanto, perder o rigor de atentar para o dito e o não dito. Há, como nos indicam Dreyfus e Rabinow (1995), momentos em que falamos como cientistas - nossos *atos discursivos sérios*, e há os momentos em que falamos descontraidamente, os *ça parle*; foi buscando permitir ambas as falas que nosso "grupo focal" foi pensado.

Todavia, apenas uma pesquisadora retornou o nosso e-mail de convite para o encontro de mulheres e - eu, Paula (a primeira autora) - fui almoçar com a mesma. Já no restaurante Turmalina e Água Marinha³ se juntaram a nós e, embora incluídas a princípio no grupo de entrevistas, essas, a convite da Safira, sentaram-se conosco e também falaram de suas trajetórias e outros temas que vieram à baila.

Poderíamos ignorar os não ditos, mas há demasiadas informações nestes silêncios. Nesse trabalho analisaremos as narrativas daquelas que se dispuseram a participar e os silêncios que nos foram proporcionados.

Sobre os não ditos

Quanto diz o silêncio? Há possibilidade de mensurá-lo? A não resposta da maioria das pesquisadoras pode indicar muitas coisas. Algumas possibilidades nos ocorrem: as demandas das lideranças de grupos tornam impossível dar conta de tudo o que essa posição, na arena da ciência, necessita e ainda investir tempo em respostas a questionários; o que não é do campo da ciência “exata” não tem valor; discutir gênero é (des)importante, (des)interessante e (des)necessário.

A resistência por parte de algumas dessas pesquisadoras em falar de gênero, pode ser lida como uma defesa, uma vez que esse tema faria com que elas escapassem dessa objetividade tão cara à ciência e, com isso, pudessem ser vistas como menores em sua área de atuação. Além disso:

Uma estratégia empregada por mulheres foi o constante repúdio de gênero como variável para avaliar a produtividade científica. A experiência demonstrou que qualquer diferença baseada em sexo era invariavelmente acionada como justificativa para exclusão, mediante a utilização de uma escala segundo a qual ser diferente é ser inferior, utilizada tanto para excluir as mulheres da ciência, como para classificar o que faziam como não-ciência ou, ainda, para classificá-las como não-mulher (CITELI, 2000, p.65).

Uma possibilidade diferente, um pouco mais complexa, é que a linguagem da educação, o mundo da educação, venha a ser o exterior (selvagem) para essas mulheres. No campo da produção científica - em que urge a escrita de artigos, a geração de dados, a produção de conhecimento, o índice h - a linguagem a que se está sujeito é muitas vezes

³ Todas as pesquisadoras foram identificadas com nomes de pedras preciosas brasileiras e que remetessem a nomes femininos.

diferente daquela do campo da educação. Como nos aponta Latour, em *Ciência em Ação* (2000), ao se escrever artigos científicos, ao se publicar nesse campo, há uma série de regras que devem ser seguidas, os autores apoiam-se em um mundo de autores anteriores a eles, numa série de dados tidos como neutros, tudo isso para que se possa provar a ‘verdade mais verdadeira’. Numa perspectiva positivista da ciência, sua objetividade não dialoga com a subjetividade atribuída ao campo da educação, são praticamente culturas diferentes.

Sobre os pouco ditos

Na reunião almoço a conversa com Safira fluía de maneira prazerosa quando Turmalina e Água Marinha se aproximam. Safira me apresenta às mesmas e, ao sentarem-se conosco, Turmalina pergunta à primeira como ela se sente sendo objeto de estudo, sorri e afirma que minha área (educação) deve ser mais fácil já que não tem laboratório, “é assim, só lidar com pessoas”.⁴

Do campo da ciência o olhar positivista fica evidente como *a ordem do discurso*. Se a área do saber com o qual trabalho não gera dados mensuráveis, verificáveis, então esse é um campo fácil.

Mas Turmalina faz duas afirmações insistentes “é preciso analisar o sistema que é cruel e precisa mudar, não tem nada a ver com homem ou mulher...é do sistema...é sobre isso que deverias pesquisar”. “Não podes deixar escapar Esmeralda, Cianita e Turquesa...líder de grupo é quem tem dinheiro, e isso é da personalidade...quem dá a cara a tapa para conseguir dinheiro...essas são tratores”.

Assim, como aponta Maria Teresa Citeli:

As mulheres que alcançaram uma posição no mundo da ciência, por estarem “dentro”, têm tudo a perder se alguém tenta estabelecer demarcações que as coloquem de um lado da linha (de sexo) que, historicamente, funcionou para excluí-las. E precisamente porque não estão completamente dentro, mas frequentemente em algum ponto perto das margens, a ameaça dessa exclusão parece particularmente funesta. Ao mesmo tempo, como cientistas, elas têm interesse velado em defender uma visão tradicional da ciência, talvez, devido justamente à relativa insegurança de seu status, até mais ferozmente que seus colegas do sexo masculino (CITELI, 2000, p.70).

Parece-nos que a veemência na afirmação da Turmalina, de que não há qualquer relação com o sexo pode estar vinculada a essa posição de quem tem tudo a perder. Ela parecia intuir nossa pergunta. Era justamente para quem me dizia esse tipo de informações que eu queria perguntar: mas quem define as regras desse jogo? Ela não me ouvia, apenas indicava rumos novos à minha pesquisa. Eu queria dizer: sim, se trata de “sistema” e também de sexo, de gênero, de narrativa, mas também silencieii.

Quanto às afirmações insistentes, a primeira fazia referência aos índices: número de publicações, às citações e afins, tão caros ao sistema de avaliação. Daí a pergunta: quem define os critérios? (Quem julga os julgadores?) Por que são esses e não outros? “Não tem nada a ver com homem ou mulher”. Não? A maior parte do grupo não é constituída por homens? Não é eternamente atribuído ao masculino o ranqueamento, a disputa? Não é justamente aí que reside o problema das mulheres não chegarem às posições de liderança? As regras do jogo serão sempre masculinas e tanto mais serão bem sucedidos os indivíduos que se tornarem sujeitos do *discurso* desse campo?

⁴ Narrativa da primeira autora sobre parte da conversa com as pesquisadoras.

Entre as três pesquisadoras que almoçam comigo é unânime a opinião de que esse sistema de ranqueamento promove o individualismo, indicam que é daí que vem uma grande separação dos grupos de pesquisa. Água Marinha afirma que “se os grupos trabalhassem juntos coisas maravilhosas seriam feitas”. Já Turmalina intervém dizendo que “se cada um no seu feudo já da brigas de egos, imagina coordenar todo mundo?”

Ainda sobre esse tema Safira e Água Marinha, que já haviam tido cargo de chefia dentro do Instituto de Química, contam que tentaram, cada uma a sua época e a seu modo, unificar o instituto, mas ambas afirmam que não obtiveram êxito. Assim, para essas pesquisadoras as características ditas femininas - acolhimento, cooperação e colaboração - parecem marcadas e a interdição de tal modo de ser, também, quando evidenciam a impossibilidade de seu intento de unificar o Instituto, há uma interdição de um fazer feminino como produtivo. Dizem que, como uma forma de escapar “ao sistema”, buscaram não depender do financiamento do órgão mais vinculado as questões de ranqueamento, num movimento lido por nós como resistência.

Dos ditos

Enquanto ainda estávamos sós, Safira me afirmava que escolheu a química, porque, dentre tantas coisas que a interessavam ela “muito racionalmente” selecionou aquela com melhor campo de trabalho. Pensar uma profissão pelo campo de trabalho sugere uma busca pela independência e estabilidade financeiras, que foram favorecidas por um cenário nacional e internacional de mudanças sociais e econômicas. Como indica Cristina Bruschini: “Nos anos 70, a expansão da economia, a crescente urbanização e o ritmo acelerado da industrialização configuram um momento de grande crescimento econômico, favorável à incorporação de novos trabalhadores, inclusive os do sexo feminino” (BRUSCHINI, 1994, p. 180).

Para Safira, ingressar na docência foi um segundo mo(vi)mento. Nos dois últimos anos da graduação, aluna de um renomado químico, optou por sua área específica da química e tornou-se monitora desse professor. Conta que muito diferente de agora, naquela época era o monitor que preparava as aulas experimentais, havia mais interação com o professor, inclusive no planejamento das aulas. Narra que ele era um homem brilhante, mas que na sua infância teve uma paralisia infantil o que o tornou um homem muito frágil, que ele nunca havia saído do RS por essa fragilidade.

Pomo-nos a analisar que as “palavras” escolhidas por ela são de quem marca o homem brilhante como humano, acessível, frágil. Isso pode ser tomado como uma fala feminina, homens não se referiam assim a outro homem, ‘costumeiramente’ seriam usados adjetivos ligados a sua intelectualidade ou sua capacidade produtiva.

É nesse momento da conversa que somos interpeladas por Turmalina e Água Marinha que se juntam a nós. Enquanto recebo sugestões de pesquisa de Turmalina, Safira conta para Água Marinha sobre o que me narrava, ao que esta responde que iniciou da mesma forma, como monitora desse mesmo professor e acaba afirmando “conheci ele antes e depois da revolução”⁵. Safira afirma que ele foi chamado ao DOPS⁶ e voltou muito diferente, muito quieto.

⁵ As duas pesquisadoras que conheceram tal professor referem-se à época da ditadura militar como revolução. Junto à elas: “Os militares aposentados e saudosistas da ditadura continuam dizendo que em 1964 ocorreu uma revolução. Mas a disputa entre a ideologia deles e a História parece estar sendo rapidamente resolvida. Na grande imprensa, mesmo aquela que saudou o golpe de Estado como sendo uma revolução (*O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo, O Globo* etc.) o uso da expressão “revolução de 1964” caiu em desuso. Todos os

Isso nos põem a pensar que “[...] no final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável” (BENJAMIN, 1994, p.198). Benjamin propõe que a *experiência*, isso que nos ocorre e efetivamente nos afeta está morrendo e que em situações de extrema violência, seja física, emocional ou psíquica, a linguagem, que em última instância nos constitui, deixa de fluir, isso nos emudece.

Algumas considerações

Num primeiro movimento, marcamos o que é proposto como teto de vidro⁷, visibilizando que, embora as mulheres sejam a maioria de pesquisadoras em grupos de pesquisa nas faixas etárias até 54 anos, quando se analisa as lideranças desses grupos elas passam a ser minoria em todas as faixas de idade.

Posteriormente, optamos por ouvir as pesquisadoras da UFRGS, líderes de grupos de pesquisa, a fim de analisar as narrativas dessas mulheres sobre sua constituição como mulheres e pesquisadoras. A partir dos silêncios e dos dados coletados podemos fazer algumas considerações.

Os silêncios foram lidos por nós como formas de manutenção de uma ciência positiva, assexuada, impessoal; mais que isso, que a resistência em falar sobre gênero e feminilidade pode apontar para um sentido de que o que não é da ciência dita exata não tem valor e poderia posicioná-las “do lado de fora da linha (de sexo) que, historicamente, funcionou para excluí-las” (CITELI, 2000, p. 70). Das conversas com as pesquisadoras emergem ideias como a produtividade e o financiamento de pesquisa como características marcantes de “boas” pesquisadoras, a educação como um campo menor/menos importante/fácil e a invisibilidade de que características como ranqueamento e competitividade, costumeiramente atribuídas aos homens marcam esse lugar de saber/poder e, portanto, posicionam as mulheres desse campo em alguns lugares e não em outros, a depender do quanto assumem para si “os valores e a forma de trabalhar de seus colegas masculinos” (MAFFIA, 2002, p. 31).

Das *palavras* - no entendimento de LARROSA BONDÍA, 2002 - escolhidas por essas pesquisadoras, algumas são historicamente marcadas como femininas - humano, acessível, frágil (para narrar o professor orientador) integração e cooperação (como qualidades desejáveis num Instituto de Química), e podem ser propostas como uma resistência, uma subjetivação e não só um assujeitamento ao discurso masculino da ciência.

Em todas essas palavras e em todos esses silêncios, em cada estatística e em cada enunciação, ainda que o tempo passe e as formas, as estratégias, os dispositivos mudem,

grandes jornais, sem exceção, referem-se ao que ocorreu em 1964 como golpe de Estado”. (Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed688_golpe_ou_revolucao/). Acessado em: 27 de maio de 2015.

⁶ O termo “DOPS” significa **Departamento de Ordem Política e Social**, criada para manter o controle do cidadão e vigiar as manifestações políticas na ditadura pós-64 instaurada pelos militares no Brasil. O DOPS perseguia, acima de tudo, as atividades intelectuais, sociais, políticas e partidárias de cunho comunista. (Disponível em: <http://www.falandodehistoria.com.br/paginasespeciais/arquivos-ditadura/dops.htm>). Acessado em: 27 de maio de 2015.

⁷ A expressão “teto de vidro” é utilizada como metáfora que significa a invisibilidade dos obstáculos que limitam e dificultam a ascensão das mulheres na carreira profissional, uma vez que não existem barreiras formais que justifiquem o fato de as mulheres não conseguirem ascender profissionalmente na mesma proporção que os homens. Schiebinger (2001) discute o conceito de “teto de vidro” (SILVA; RIBEIRO, 2014, p. 450).

vivemos os mesmo raros e gastos enunciados dessa cultura ocidental, sob novos cuidados, sob novas interdições e exclusões o "peso" de ser um sexo nos acompanha.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, p. 197-221, 1994.
- BRUSCHINI, C. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. **Estudos Feministas.** Ano 2, 1994.
- CITELI, M. T. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo. **Cadernos Pagu**, v.15, p. 39-75, 2000.
- DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica).** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 10, p.58-78, jan./abr., 1999.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, 20ª ed.** São Paulo: edições Loyola, 2010.
- LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr., 2002.
- LATOUR, B. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- MAFFIA, D. Crítica Feminista à Ciência, In: Costa, A.A.A.; Sardenberg,C.M.B.(org.) **Feminismo, Ciência e Tecnologia**, Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, Coleção Bahianas 8, 2002.
- SILVA, F. F.; RIBEIRO, P. R. C. A inserção das mulheres na ciência: narrativas de mulheres cientistas sobre a escolha profissional. **Linhas Críticas**, v. 18, n. 35, p. 171-191, jan./abr., 2012.